



Ficha de Pesquisa

Como atender às necessidades afetivas e emocionais da criança como pessoa de acompanhamento

Tronco do módulo D.

Contacto: JL. Lenoir



1. Temática

Esta ficha pedagógica destina-se a descrever as posições a adoptar e desenvolver no contexto da expressão afetiva e emocional de uma criança com necessidades educativas especiais. Na situação de incapacidade, estas expressões parecem transbordar e afastam a criança da relação de aprendizagem. O desafio será considerar e apoiar-se nesta dimensão de expressão afetiva e emocional para fazer com que os alunos regressem à dinâmica da aprendizagem e à vida do grupo turma.

Confrontados com as expressões afetivas e emocionais da criança com NEE, a posição a adotar será de tranquilidade, empatia, distância correta e audição benevolente. Estas posições fazem com que a criança experiencie um ambiente seguro de aprendizagem no qual ele pode entrar de uma forma serena. Este será um ambiente estruturante para a criança. Ela encontrará no adulto a figura de apoio que lhe pode permitir estar de novo disponível para mobilizar as suas competências e os seus recursos (que, devido a um sentido de insegurança, não lhe eram acessíveis)

- O **desenvolvimento afetivo clássico** (ver em especial a teoria da ligação de John Bowlby) torna possível para a maioria dos alunos em idade escolar construir uma base afetiva “segura”, e assim apoiar-se nesta base para experienciar novas situações cognitivas e sociais (fora do meio familiar) com algum sentido de segurança interior. Contudo, em situações de deficiência esta capacidade pode estar latente, inibida e menos enraizada na criança. Isto pode resultar na dinâmica da regressão, porque a criança precisa de verificar no tempo real que as novas situações que ele está a experienciar (incluindo as de aprendizagem) são seguras para ela.
- **audição benevolente** (ver em especial Carl Rogers) permitirá à criança exprimir as suas emoções sem o risco de ser julgada. Expressar as emoções e saber que elas são aceites e ouvidas por si vai permitir à criança organizar, estruturar e dar sentido a essas novas situações. Estas experiências relacionais positivas vão permitir que ela antecipe serenamente as situações de novas aprendizagens, que se podem tornar **espaços potenciais** (sobre esta noção ver especialmente D. Winnicott) para construir uma autoestima positiva.
- Personificar uma “distância correta” (nem muito perto nem muito longe; perto se a criança precisar e menos perto se a criança precisar) enquanto se disponibiliza, isto vai dar um espaço à criança para perceber essas novas situações ao seu ritmo. Melhor do que **“distância correta”** (D. Winnicott),

pode-se mesmo falar em “**proximidade correta**” (Depenne).

Mais do que qualquer outra a criança com NEE precisa de proximidade, renegociando a **primeira ligação** (Bowlby) para sentir uma segurança que lhe permite paradoxalmente distanciar-se e ir ao encontro do outro e assim também aprender. O cuidador deve assim, encontrar a distância correta entre esta necessidade de **ligação** e a necessidade de **separação**. Não se pode recusar um abraço a uma criança que sente essa necessidade, mas pode-se fazer com ue entenda que deve libertar-se e juntar-se a um grupo, u jogo, uma atividade. Este movimento leva algum tempo, mas é uma necessidade.

2. Contexto

Estamos numa turma (escola primária ou secundária) onde um ou mais alunos têm um handicap psicológico. Confrontado com uma nova atividade pedagógica que não conhece, este aluno está com um problema. Esta situação nova está a causar emoções complexas, mesmo ansiedade e pode fazê-lo sentir-se inseguro porque há o risco de reativar a situação de fracasso. Mas confrontado com ele, o cuidador ou o professor pode sentir-se impotente e isto é muitas vezes o caso do perfil do aluno com NEE que se encontra muito frequentemente nos últimos anos. Os seus surtos psíquicos e emocionais destabilizam o pessoa da comunidade educativa no sentido mais vasto. É, por isso, importante que eles consigam desenvolver abordagens conceptuais e ferramentas que lhe permitam visualizar o que está em risco para essas crianças nas situações de aprendizagem.

3. Objetivo

Esta ficha está ligada ao modulo D, Definir. É uma questão de definir o que estamos a dizer quando falamos de encontrar a posição correta na relação entre um aluno e o professor/formador. A distância correta. Especialmente quando confrontados com o que a criança com NEE pode revelar em termos de expressão afetiva e emocional. Oferecer uma visão conceptual ou problemática do que está em risco neste tipo de situação não é fornecer um “pensamento pronto a usar”, mas antes ajudar a compreender. Eles são os mais legítimos autores do significado que querem dar ao que compreendem sobre a criança e a relação que têm com ela.

4. Limites

Como os psicólogos do desenvolvimento dizem no que diz respeito às expressões afetivas e emocionais da criança, estas expressões podem ter modalidades extremamente diferentes e multifacetadas. Isto é mais significativo no contexto do acompanhamento das crianças com necessidades educativas especiais. Aqui, deve-se arranjar um lugar particular para as singularidades destas modalidades expressivas e um trabalho real sobre as representações do que é “socialmente aceite” deve ser utilizado pelo cuidador para ser capaz de acolher todas as peculiaridades da criança e assim adaptar-se às suas necessidades.

5. Perspetivas

Considerar as dimensões emocionais e afetivas na relação de aprendizagem oferece novas oportunidades para a criança acompanhada do ponto de vista educativo e pedagógico esta dimensão de acompanhamento pode ser complementada ao consideram-se os níveis de desenvolvimento (emocional, social, cognitivo e psicomotor) alcançados pela criança.